

IBGE, **Censos Demográficos, 1991, 1996 e 2000**, Rio de Janeiro, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMAS, **Cadastro Multifinalitário**, Palmas, outubro, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMAS, **Caderno de Revisão do Plano Diretor**, mimeo, Palmas, 2002.

VILLAÇA, Flávio **Espaço Intra-Urbano no Brasil**, São Paulo, Studio Nobel, 1998

VELHO, Otávio G., **Frentes de Expansão e Estrutura Agrária**: Estudo do Processo de Penetração numa Área da Transamazônica São Paulo, 2ª Ed ZAHAR, 1982.

FREDERICO POLEY MARTINS FERREIRA

(Professor da Universidade Federal do Tocantins, Rua Francisco Feio 43 apto 201, Gutierrez Belo Horizonte, MG  
CEP 30430-310 poley@uft.edu.br)

## O MEDO E A INSEGURANÇA NO MUNDO MODERNO: UMA GENEALOGIA

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 32, n. 1, p. 269-271, jan./abr. 2007.

Este ano completam-se 26 longos anos desde que a primeira e única edição da tradução brasileira do livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, escrito pelo geógrafo sino-americano, Yi-Fu Tuan, foi publicada<sup>1</sup>. Completam-se também 23 anos da única edição do livro *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, escrito pelo mesmo Yi-Fu Tuan<sup>2</sup>. Ao longo destes anos, estas obras e suas idéias não deixaram de ser procuradas e referenciadas, influenciando toda uma geração de geógrafos e outros profissionais (desde arquitetos e educadores até historiadores, sociólogos, psicólogos e muitos outros), que procuravam diretrizes mais abertas para pensar a relação do homem com seu ambiente. Estas obras, embebidas de humanismo e da busca dos sentidos essenciais da conduta espacial humana, serviram de matrizes, no desenvolvimento da ciência geográfica brasileira, da Geografia Humanista, de uma maneira mais geral, e dos estudos de Percepção e Cognição do Meio Ambiente, em particular. Mesmo sem novas edições, estes livros continuam a figurar entre as mais influentes e importantes obras da literatura geográfica e dos estudos ambientais no país. Ambas são hoje obras clássicas, tanto no Brasil quanto na comunidade internacional.

Os livros foram publicados originalmente em 1974 e 1977, respectivamente, mas não sofreram muito com os anos. O autor, que nasceu na China em 1930, foi para os Estados Unidos na juventude, lecionando em importantes universidades como Indiana, Novo México, Toronto, Minnesota e Winconsin-Madison, onde se aposentou e constituiu a maior parte de sua carreira acadêmica. Participou do movimento humanista na Geografia, junto com Anne Buttimer, Edward Relph e David Lowenthal, entre outros, que ajudou a renovar o escopo teórico-metodológico da ciência geográfica no final da década de 1960 e nos anos 1970. Leitor voraz, de grande erudição, desenvolveu estudos aprofundados sobre os temas que enfrentou, procurando estabelecer em seus livros as origens dos laços elementares que as pessoas desenvolvem com o ambiente, vivendo o espaço por meio dos lugares. Suas obras estão fartamente recheadas de argumentos e exemplos respaldados por material etnográfico, pesquisas psicológicas e históricas, continuando atuais e importantes para os estudiosos destas questões.

<sup>1</sup> TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980. 288p. ISBN: 8528604411.

<sup>2</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983. 249p. ISBN: 8528604403.

O mesmo pode-se dizer do terceiro livro traduzido para a língua portuguesa de Tuan, recém-lançado: *Paisagens do medo*<sup>3</sup>, publicado em língua inglesa originalmente em 1979, teve impacto menor na comunidade internacional de geógrafos do que os dois anteriores, provavelmente por tratar de um tema mais específico: os estados psicológicos e o meio ambiente físico do medo, ou seja, suas paisagens. No entanto, a exemplo de suas outras obras, os 27 anos que separam sua primeira publicação nos Estados Unidos e a tradução brasileira, não envelheceram em nada a obra e o argumento de Tuan. Ao contrário, é provável que ela encontre um terreno mais fértil para frutificar do que encontrou no final da década de 1970.

Atualmente, o tema do medo, inserido nas discussões sobre riscos e perigos, insegurança e vulnerabilidade, tem sido uma das vertentes cada vez mais importantes no campo das ciências, da preocupação pública e do direito. Tanto a Geografia, uma ciência que tradicionalmente se ocupa destas temáticas, quanto as Ciências Sociais, que nas últimas décadas têm alardeado o advento da Sociedade de Risco, têm se ocupado grandemente em pensar os riscos e as incertezas do mundo contemporâneo.

A obra de Tuan realiza um pormenorizado e competente estudo genealógico do medo pela história, cultura e psique humana. O livro parte dos fundamentos do medo na criança, apoiado em fartos estudos sobre aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Ele explora com competência as ligações de medos vividos durante a infância com a formação de adultos inseguros que, em vista disso, enfrentarão outros tipos de medos e riscos ao longo da vida.

Depois de voltar ao berço do homem, ele volta ao berço da humanidade, levantando as diferentes fontes de medo nas culturas e civilizações antigas, passando pelo medievo, o começo da modernidade e chegando aos nossos dias. Neste percurso, a natureza, o desconhecido, bruxas, doenças, fome, desastres naturais, fantasmas, o outro, o isolamento, a humilhação, o castigo e tantos outros medos são expostos e exemplificados a partir de numerosa bibliografia etnográfica e histórica. Tuan nos mostra que muitos dos riscos que enfrentamos hoje não são novidades da modernidade, sendo que parte deles são os mesmos perigos e medos em outras roupagens. O autor compara, no entanto, sem simplificar, mantendo a clareza da contextualização histórico-cultural que é particular a cada tempo, procurando identificar os traços mais significativos do sentimento de medo que perpassam condutas e atitudes, individuais ou coletivas.

Uma das preocupações do autor é mostrar que não procede o entendimento comum de que no campo ou na antiguidade, as pessoas viviam numa harmoniosa relação com a natureza e os outros seres humanos. A vida do homem, em todos os períodos da humanidade, esteve sempre marcada por incertezas que eram confortadas com crenças as mais diversas, na tentativa de diminuir a angústia diante do que não podia ser explicado. Como compreender anos de seca e safra ruim, senão pela desgraça divina, ou pela dívida da comunidade com as deidades? Como explicar ao lavrador a inundação que lavou seus campos ou a tempestade que devastou as casas senão pela ira de um deus que reclama algum tributo? Até o Iluminismo, o mundo mítico-religioso confortava o homem em sua angústia diante das inexplicáveis ações da natureza.

Mas o homem também era explicado, quando faltava conhecimento que permitisse o uso da lógica, por meio deste conhecimento. A insanidade, a maldade, os “desvios de conduta” também tinham conotações malignas, atribuídas a forças que não podiam ser dominadas nem plenamente compreendidas. O mal era mal por ser mal. E assim as bruxas, fantasmas e outros monstros encabeçavam uma longa lista de “outros” que não podiam ser entendidos. O medo afligia profundamente o homem rural, assim como aqueles que viviam nas cidades sagradas da antiguidade ou nos burgos do medievo.

Mas o ponto alto do livro é o capítulo “Medo na cidade”. Nele, Tuan consegue abarcar muitos dos pontos fundamentais de nossa civilização urbana, lançando luz sob muitos aspectos dos medos urbanos contemporâneos. Criada para ser o retrato da perfeição geométrica do cosmos, a cidade foi concebida como lugar sagrado, recebendo desde seu início intervenção direta dos poderes constituídos que sempre procuraram manter a ordem, a beleza e o plano estamental. Como a história do urbanismo atesta, este ideal raramente perdurou em alguma cidade por lon-

<sup>3</sup> TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Ed. UNESP, 2005. 374p. ISBN: 8571396/59.

gos períodos. Na maior parte das vezes, uma cidade paralela subsistia a um sítio fortemente controlado, desde a antiguidade até hoje. E justamente na parte “espontânea”, menos controlada, a cidade potencializa o caos e a desordem (outra ordem?), que chega ao seu máximo na Idade Média.

A era moderna procura restabelecer a ordem perdida, resgatando valores e princípios que irão influenciar todo nosso urbanismo e pensamento sobre a cidade. Mas os medos modernos não são tão diferentes dos antigos. Nossos apelos contemporâneos por ordem, segurança e beleza nas cidades já foram feitos em vários momentos da história. O medo do outro, especialmente do estrangeiro, é comum às cidades de todas as épocas. Pode-se argumentar que as metrópoles são o espaço da convergência, da comunhão e da aceitação do diferente. Mas a impessoalidade e a indiferença das grandes cidades modernas nos fazem pensar se o medo do outro, do diferente e do estrangeiro não permanecem como componentes centrais do modo de vida urbano. Tanto nas pequenas cidades, onde todos se conhecem, quanto nas grandes, onde ninguém se conhece, o outro é controlado e temido. A ausência de ordem e as dobras e sombras onde o poder central não chega são marcados pela insegurança e pelo medo, muitas vezes pelo simples fato de não conhecermos o que dali poderá vir. É por esta inversão dos valores urbanos que Tuan acredita ser “[...] uma profunda ironia que freqüentemente a cidade possa parecer um lugar assustador.” (p.233)

Tuan fecha seu longo estudo pesando os medos passados e presentes, procurando aparar algumas arestas que tenham ficado na sua genealogia. Ele procura deixar claro que não se trata de atribuir a razões obscuras do passado o medo contemporâneo. Antes, o movimento é no sentido de conhecer os mecanismos que produzem o medo, suas origens e as formas como o ser humano lidou com ele, numa mensagem positiva, não pessimista. Como ele mesmo sugeriu: “O estudo do medo, por conseguinte, não está limitado ao estudo do retraimento e entrenchamento; pelo menos implicitamente, ele também procura compreender o crescimento, a coragem e a aventura.” (p.18) Há muitas limitações quando tentamos interpretar sentimentos e pensamentos de culturas e tempos passados com nosso olhar contemporâneo, mas Tuan dribla com sensibilidade tais riscos, produzindo uma leitura lúcida e coerente, do começo ao fim.

Este livro, sem dúvida, vem suprir uma lacuna sobre o tema em nosso bibliografia, contribuindo para o estudo das incertezas e dos riscos na sociedade contemporânea. Mais do que isto, ele fornece uma base etnográfica e psicológica para o estudo dos riscos e vulnerabilidades, permitindo conectar os riscos e medos em momentos históricos e culturas específicas, reforçando a base do entendimento destes fenômenos numa perspectiva interdisciplinar e multidimensional. A análise genealógica do medo feita por Tuan também permite que façamos a ligação entre diferentes riscos e perigos, avançando na direção de uma concepção mais ampla destes fenômenos, que passam várias dimensões, desde a psicológica e existencial até a cultural e econômica.

Por outro lado, o lançamento deste livro reforça a necessidade da reedição das obras de Yi-Fu Tuan, *Topofilia* e *Espaço e lugar*, assim como a tradução de outras obras do autor e de tantos geógrafos daquela geração que produziram importantes contribuições para o desenvolvimento da Geografia Humanista, mas que permanecem inacessíveis ao grande público brasileiro. Neste sentido, o papel da tradutora das três obras de Tuan, a professora Livia de Oliveira, da Universidade Estadual Paulista, de Rio Claro, merece ser destacado. Seu esforço em traduzir e publicar estas obras, além de sua liderança e difusão destes conhecimentos no país, permitiram que toda uma geração de geógrafos (e arquitetos, psicólogos e educadores, entre outros) se interessassem pelas temáticas humanistas e pelos estudos dos fenômenos perceptivos, contribuindo decisivamente para a construção de nossa ciência geográfica, bem como para os estudos urbanos e ambientais.

Yi-Fu Tuan, aplaudimos pela sensibilidade e ousadia na forma como tratou os seminais temas de suas obras, entre as quais, não temos dúvida, *Paisagens do medo* também se tornará um clássico. Livia de Oliveira, aplaudimos pela ponte que fez entre o grande geógrafo e a comunidade geográfica brasileira, abrindo e apontando caminhos a serem trilhados por todos nós.

EDUARDO MARANDOLA JR.

(Geógrafo, Doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG/UNICAMP). Pesquisador do Núcleo de Pesquisas: Percepção e Cognição Ambientais (NUPECAM) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) eduardom@ige.unicamp.br.)